

“A pulsão, por sua vez, jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela.”

As Pulsões e Seus Destinos, Sigmund Freud

“Como se vê, é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Este princípio domina o desempenho do aparelho psíquico desde o começo... mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo como o microcosmo.”

“A satisfação irrestrita de todas as necessidades se apresenta como a maneira mais tentadora de conduzir a vida, mas significa pôr o gozo à frente da cautela, trazendo logo seu próprio castigo.”

O Mal-Estar na Civilização, Sigmund Freud

Gustav Aschenbach é um poeta que vive uma crise de produtividade causada pela estafa e resolve deixar sua residência em Munique em busca de recuperação. Em Veneza, hospeda-se no Hotel des Bains situado no Lido aonde encontra Tadzio, jovem polonês de “*perfeita beleza*” cuja presença vai provocar no poeta várias inquietudes levando a um desfecho talvez não considerado por ele no início de sua jornada. Este é o núcleo mínimo do romance *Morte em Veneza* (1) escrito por Thomas Mann no início do século XX e publicado pela primeira vez em 1912. A expansão deste núcleo com os questionamentos vividos por Aschenbach vai encontrar eco em questões apresentadas por Freud em alguns de seus textos como *As Pulsões e Seus Destinos* (2) publicado em 1915 e *O Mal-Estar na Civilização* (3) publicado em 1929 que servirão como referência para este olhar particular sobre *Morte em Veneza*. Curiosamente, estas três publicações foram lançadas na mesma época, em pontos da Europa certamente não apenas próximos pela geografia, mas também e talvez, muito provavelmente, por compartilharem certa similaridade em traços culturais e nos dilemas sociais naquele período.

Gustav Aschenbach: perfil e crise

“...filho de alto funcionário da justiça...seus antepassados eram oficiais, juízes...sua natureza era orientada para a fama...graças à determinação... maduro

e hábil...ainda ginásial já tinha um nome ... aprendeu a administrar sua fama...seu talento conquistava a crença do grande público e o interesse dos mais exigentes ...desde moço obrigado à realização...nunca conhecera a ociosidade, nunca a despreocupada negligência da juventude..... sua palavra favorita era perseverança ... no seu romance Frederico, nada mais do que uma apoteose da palavra de comando...necessitava altamente de disciplina...e disciplina, por sorte, era sua herança nata por parte de pai...começava cedo o seu dia...água fria sobre o peito e as costas... o poeta de todos que trabalham à margem do esgotamento, dos oprimidos, já aniquilados, ainda se mantendo de pé...um príncipe alemão conferiu ao poeta o título de nobreza, no seu quinquagésimo natalício...escolheu Munique como sua residência permanente e viveu ali uma vida civil honrosa, ...o matrimônio que contraíra ainda jovem com uma moça de família erudita foi desfeito pela morte, depois de um curto espaço de felicidade...ficou-lhe uma filha, já esposa...um filho, nunca possuíra.”

Os ambientes familiar, social e cultural são importantes para a complexa organização humana, muito mais ampla do que a simples constituição biológica do indivíduo. Nos trechos acima extraídos deste romance que tão bem descrevem o perfil de Aschenbach se observa a reverência prestada por ele ao seu núcleo familiar de origem, na forma que era estruturado, com os valores lá praticados e incorporados por ele destacando-se a ênfase dada por Aschenbach à disciplina, determinação e perseverança dentre outros componentes que, ainda que pudessem trazer algum grau de sacrifício pessoal eram, talvez por isto mesmo, exaltados como elementos que valorizavam as realizações profissionais e o conseqüente reconhecimento público de seu trabalho. Desta forma, “a ociosidade e as negligências tão próprias da juventude” eram intoleráveis para ele que estava acostumado às exigências necessárias para atingir o sucesso e a fama. Sua familiaridade com esta estrutura em seu núcleo de origem certamente o levou a reproduzi-la em sua própria vida, incluindo o casamento e a família que

ele mesmo constituiu. Porém, com o decorrer do tempo, Aschenbach começa a identificar certo *“cansaço e uma curiosidade dos nervos”* que o levam a partir em busca *“do estranho e o sem relação”*. Após tentar alguns destinos *“sem obter a consciência de ter acertado o lugar”*, Aschenbach finalmente se dirige à Veneza e, de lá, segue para o Lido aonde se hospeda no Hotel des Bains.

Em *O Mal-Estar na Civilização* (3) Freud reflete sobre a conduta dos homens acerca da finalidade e intenção da vida, sobre o que pedem eles da vida e desejam nela alcançar. *“É difícil não acertar a resposta: eles buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes”*. E segue dizendo que esta busca tem dupla possibilidade de execução: a ausência de dor e desprazer e a vivência de fortes prazeres conferindo a esta última o sentido estrito da palavra felicidade. Porém ressalta que esta decorre da *“satisfação repentina de necessidades altamente represadas e, por sua natureza, possível apenas como fenômeno episódico”*.

No que tange aos métodos para evitar o desprazer Freud cita a *“quietude”* na qual o indivíduo se defende do mundo externo pelo distanciamento, a *“intoxicação”* na qual o uso de determinadas substâncias produzem sensações imediatas de prazer e inviabilizam o acolhimento de determinados impulsos desprazerosos e, ainda, outro procedimento mais radical exemplificado na figura do *“eremita”* que enxerga na realidade o único inimigo com o qual é impossível viver e com a qual é necessário romper todos os laços para ser feliz.

Outra técnica considerada por Freud para afastar o sofrimento se refere aos *“deslocamentos da libido”* que consiste em deslocar as metas dos instintos de tal forma que eles não possam ser atingidos pela frustração a partir do mundo externo. Neste processo, a sublimação dos instintos é de grande valia sendo que *“o melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e*

intelectual” e, como exemplos, Freud cita a alegria do artista em “criar e dar corpo às suas fantasias” assim como a alegria do pesquisador “na solução de problemas”. Em nota de rodapé na publicação (3) usada como referência para este texto lemos ainda que “nenhuma outra técnica para a condução da vida prende a pessoa tão firmemente à realidade como a ênfase no trabalho que, no mínimo, a insere de modo seguro numa porção da realidade, na comunidade humana.” E segue comentando sobre a possibilidade que esta técnica oferece de “deslocar para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele ligados uma forte medida de componentes libidinais narcísicos, agressivos e mesmo eróticos emprestando-lhe um valor que não fica atrás de seu caráter imprescindível para a afirmação e justificação da existência na sociedade.” Ao voltarmos ao trecho inicial do livro de Thomas Mann, citado no início deste texto, nos deparamos com várias características do comportamento de Aschenbach que apontam para uma conduta fortemente calcada nesta forma de evitar o desprazer na busca da felicidade. O valor atribuído por Aschenbach ao trabalho e à necessidade de ser reconhecido por ele e pela fama decorrente chegando até mesmo à distinção pública conferida pela família real, assim como sua admiração pela arte em geral, denotam o esqueleto que desde sempre sustentou Aschenbach até o momento que ele começa a identificar certo “cansaço e uma curiosidade dos nervos” que o levam a partir em busca “do estranho e o sem relação”. Este momento de sua trajetória, ao indicar a necessidade de deixar o local de costume, não apenas o local geográfico de sua residência, mas também e talvez, principalmente, deixar o local ocupado pelo papel social com o qual se identificava e se apresentava publicamente, revela que ele não mais conseguia manter sua vida da forma rígida, perseverante e disciplinada que conduzia há tantos anos e que se manifesta uma verdadeira pressão que o faz inclinar-se para um objetivo ainda a

encontrar com o intuito de alcançar uma meta, como nos apresenta Freud quando nos fala das pulsões (2).

Vale destacar o impacto da palavra “*estranho*” supondo que, assim traduzida no texto do romance em português (1), ela represente fielmente o que inquietasse a alma de Thomas Mann quando a ela recorreu neste romance. Poderíamos especular que o termo aqui utilizado se refira ao estranho que nos é estrangeiro, no sentido do que está além de nossos limites tão familiares, muito além do que nos é autorizado pelo passaporte que elaboramos ao longo da vida, experimentada em regiões que são conhecidas por nós. Ou seja, não necessariamente estranho no sentido de um possível desconforto por ser algo desconhecido, mas sim, algo estranho porque se situa muito além de nossas fronteiras afetivas e, por isto mesmo, muito atraente em ser experimentado exatamente pela enorme lista de possibilidades que este cenário não familiar, estrangeiro, pode apresentar.

Retornando ao trecho de *O Mal-Estar na Civilização* (3) que se refere às técnicas para evitar o desprazer, Freud confere destaque à orientação da vida que tem o “*amor*” como centro e no qual “*a satisfação a ser alcançada se localiza em processos psíquicos internos valendo-se aí do caráter deslocável da libido mas não se afastando do mundo exterior e, pelo contrário, agarrando-se aos seus objetos e obtendo felicidade de uma relação afetiva para com eles*” na qual a expectativa é a possibilidade de “*amar e ser amado*”. Freud ressalta que esta técnica “*não se dá por satisfeita em evitar o desprazer mas que sim, ignora isto e se apega ao esforço original, apaixonado, por uma realização positiva da felicidade* “. E, como exemplo das formas de manifestação do amor, Freud cita o amor sexual como “*a mais forte experiência de uma sensação avassaladora de prazer*” e que fornece então o “*modelo para a busca da felicidade*”. Voltarei a este tema quando comentar a experiência de Aschenbach em Veneza.

Tadzio: a “*beleza perfeita*” e o desejo divinamente abençoado porém nunca realizado

“...era um grupo de adolescentes sob a tutela de uma governanta...três mocinhas de quinze a dezessete anos...e um rapaz de cabelos longos de talvez catorze anos...notou que o menino era perfeitamente belo...a expressão de seriedade divina, lembrava esculturas gregas ...da mais pura perfeição de forma...julgou nunca ter encontrado na natureza ou no mundo artístico uma obra tão bem sucedida.”

Esta é a descrição que Thomas Mann faz sobre o primeiro momento que Aschenbach vê Tadzio e o impacto causado em Aschenbach, que julgava estar diante de uma representação humana que confirmava a existência divina. Compondo esta apresentação, o texto segue comentando o momento que *“uma senhora alta... ricamente enfeitada de pérolas, entrou no salão... os irmãos tinham se levantado rapidamente... curvaram-se para beijar a mão de sua mãe que...dirigia algumas palavras em francês à governanta.”* Este momento é fundamental no romance pois estrutura de que forma as relações interpessoais começam ali a se estabelecer. Thomas Mann nos revela que quando a mãe sai deste salão *“... as crianças seguiram...depois delas a governanta e por último o rapaz...por um motivo qualquer, este virou-se antes de passar pelo limiar e, como ninguém mais permanecesse na sala, seu estranhos olhos cinza-alvorada encontraram os de Aschenbach...”* Os “*estranhos*” olhos de Tadzio, tão estrangeiros a Aschenbach quanto estrangeiras eram as emoções que ali começavam a surgir nele próprio.

É curioso observar que naquele núcleo havia um elemento ausente ou porque propositalmente não existia na ficção tramada por Thomas Mann ou porque o autor havia simplesmente deixado de incluir: a figura paterna. Nunca saberemos se esta omissão foi intencional ou se expressa certa desatenção do autor, não necessariamente casual, ao estruturar aquele núcleo familiar daquela maneira. O fato é que este elemento ausente

apontava para uma lacuna na representação tradicional das estruturas familiares usuais da época. Porém naquela terra, exatamente por ser “*estrangeira*”, havia a possibilidade de que novos papéis ou novas vocações distantes do vocabulário social imposto pelos hábitos e costumes pudessem ganhar espaço, ainda que gerando conflitos e inquietudes em seus protagonistas. Poderíamos então refletir sobre as possibilidades que a vida apresenta aos homens e como, de certa forma e irreversivelmente, acabamos sucumbindo aos papéis que nosso desejo nos impõe pois, como enunciado por Freud em *As Pulsões e Seus Destinos* (2), “*as pulsões devem de alguma forma se expressar já que nenhuma fuga é eficaz contra ela*”. Como comentamos, no início do romance (1) quando o autor nos apresenta Aschenbach, ele diz que “... *um filho, nunca possuía.*” É verdade que não há qualquer referência no romance (1) que nos faça supor algum interesse de Aschenbach em assumir um papel paterno naquela estrutura ainda que, em tese, tal movimento fosse possível. Porém, dentre os papéis possíveis, Aschenbach se rende ao próprio desejo que, de modo irrecusável, lhe convocava para seguir em determinada direção ainda que em um momento inicial talvez tudo aquilo pudesse lhe soar “*estranho e sem relação*” com seu universo habitual. Em uma terra sedutoramente “*estrangeira*”, sua pulsão é soberana e, como um perfeito súdito, Aschenbach a ela se entrega de maneira absolutamente cega.

A partir deste ponto, o romance evolui de tal forma que o progressivo encantamento de Aschenbach por Tadzio vai se estabelecendo de modo inexorável. Não se trata aqui de uma escolha do poeta-artista mas, sim, o entregar-se por inteiro ao seu desejo, deslocado de si mesmo para o objeto externo que “...*lembrava esculturas gregas ...da mais pura perfeição de forma...*”, julgando “*nunca ter encontrado na natureza ou no mundo artístico uma obra tão bem sucedida*”.

Como comentado, no trecho de *O Mal-Estar na Civilização* (3) que se refere às técnicas para evitar o desprazer, Freud exalta a orientação da vida que tem o “amor” aonde “a satisfação a ser alcançada se localiza em processos psíquicos internos valendo-se aí do caráter deslocável da libido... agarrando-se aos seus objetos e obtendo felicidade de uma relação afetiva para com eles” com a expectativa do atingimento da equação “amar e ser amado”. São inúmeras as referências do autor aos sentimentos desenvolvidos por Aschenbach em relação a Tadzio, em grande parte decorrentes da sedução estética provocada nele no poeta-artista: “...a beleza verdadeiramente divina desta criatura humana...ficaria aqui enquanto você ficasse....o belo rapaz que vindo da esquerda...ver este corpo cheio de vida, de uma preciosidade máscula...belo como um deus...inspirava ideias mitológicas...da origem da forma e da nascerça dos deuses....esta ligação da felicidade.. enchia de satisfação e alegria de viver... a simetria do peito...suas axilas eram ainda lisas como nas estátuas.. que precisão de pensamento era expressa nesse perfeito corpo.” Desta forma, Aschenbach vai progredindo em seu encantamento por Tadzio até que em determinado momento se atinge o ápice no qual “...inclinado para trás, dominado e sentindo-se percorrido por arrepios, murmurou a eterna fórmula do anseio – aqui impossível, absurdo, abjeto, ridículo e no entanto sagrado, digno mesmo, ainda aqui: “Eu te amo !”

Como comenta Freud acerca do sentimento amoroso como um dos recursos do homem para evitar o desprazer (3), a instalação deste mecanismo implica na possibilidade de “amar e ser amado”. O encontro de Aschenbach com Tadzio permite o encontro de Aschenbach com ele mesmo, o confronto com sua própria sexualidade que de certa forma poderia parecer dissonante ou “estranha” em relação aos seus valores de disciplina, perseverança e determinação vividos até o momento em que decide iniciar esta jornada. Aschenbach não

consegue fugir de seu desejo, ou seja, não consegue calar sua pulsão que transborda para muito além dos limites e regras que a si mesmo impôs durante tanto tempo de sua existência.

É interessante observar que Thomas Mann personifica este romance na figura de um poeta para quem a rima é um elemento fundamental de seu ofício. Ao falarmos sobre “pulsão”, uma possível rima que imediatamente aqui me ocorre é “prisão”, no sentido das pulsões que são aprisionadas ao longo do caminhar humano e que buscam romper as interdições que a cultura e a sociedade impõem para serem expressas, não importando de que maneira. Porém, a expectativa do “*amar e ser amado*” não se concretiza neste romance. Aschenbach expressa seu sofrimento sobre a insatisfeita necessidade de interação com Tadzio, por exemplo, quando comenta que *“Nada é mais estranho, mais melindroso que a relação de pessoas que só se conhecem de vista, que diariamente se encontram, se observam, são obrigadas a manter a aparência de indiferente estranheza, sem cumprimento, sem palavra, pela ética ou capricho pessoal. Entre eles há inquietação e curiosidade, a histeria de uma insatisfeita e artificialmente oprimida necessidade de conhecimento e intercâmbio...”*

Esta insatisfação por não concretizar a equação amorosa “*amar e ser amado*” talvez seja decorrente não apenas das interdições culturais e sociais da época em que vivem os protagonistas do romance mas, talvez, também consequente a um eventual conflito entre sua pulsão erótica por Tadzio em oposição ao “espaço” existente pela lacuna paterna como comentamos anteriormente. Neste aspecto da insatisfação da equação amorosa, outro elemento não menos importante na estrutura da narrativa refere-se à diferença de idade entre Aschenbach e Tadzio e o mal-estar que isto provocava no poeta (“...*deixou a praia, voltou para o hotel e subiu para seu quarto. Lá ficou muito tempo perante o espelho e observou seu cabelo grisalho, seu rosto cansado e marcado.*”), algo verdadeiramente aterrorizador para que tinha na

beleza estética um ideal erótico de satisfação. Quando discorre sobre as fontes do sofrimento humano em *O Mal-Estar na Civilização* (3), Freud comenta que a ameaça trazida pelo sofrimento pode surgir do próprio corpo que, fadado ao destino e à dissolução, não pode dispensar a dor e o medo, aqui experimentado por Aschenbach em frente ao espelho, além das questões oriundas do mundo externo que podem se abater sobre nós e as questões advindas das relações com os seres humanos.

Em vários momentos nos quais Aschenbach divaga sobre seus sentimentos em relação a Tadzio, encontramos referências a Eros e às formas de representação do sentimento amoroso na cultura e na mitologia gregas de outrora como por exemplo *“Nunca sentira mais o doce prazer da palavra, nunca soube que Eros estava assim na palavra, como nas horas perigosas e deliciosas durante as quais, na presença de seu ídolo e a música de sua voz nos ouvidos, formava sua pequena dissertação de acordo com a beleza de Tadzio”*. No clássico de Platão, “O Banquete”, lemos sobre um encontro no qual diversos oradores discursam com o intuito de louvar a Eros e, em suas palavras, o amor entre iguais é enaltecido. Dentre os vários oradores destaco Aristófanes que em seu discurso se refere aos homens que *“... quando se tornam adultos, tornam-se amantes de rapazes e naturalmente não revelam qualquer interesse em casamento e geração de filhos, salvo quando isso é determinado pelos costumes locais... de um modo ou de outro, um homem deste tipo nasceu para ser um amante de rapazes ou o companheiro voluntário de um homem...”* e que *“quando um deles acontece de encontrar sua própria metade, os dois parceiros são maravilhosamente tocados pela amizade, a intimidade e o amor sexual, sendo dificilmente convencidos a se separarem, mesmo que seja por um momento.”* Portanto, ao não conseguir concretizar seu próprio desejo, se acrescenta aqui a impossibilidade que tem Aschenbach de alcançar o amor abençoado pelo deus Eros como

preconizado pelos sábios gregos e reconhecido pelo próprio poeta-artista em vários trechos da narrativa. Desta forma, o sofrimento de Aschenbach ganha ainda maior dimensão saindo dos limites do seu particular para expandir-se em um ideal maior porque divino, não alcançado, e que certamente amplia muito o abismo entre Aschenbach, ele mesmo, e o mundo ao seu redor.

A cólera, o desfecho e o infinito

Assim como as pulsões do homem buscam deixar seu estado de aprisionamento para de alguma forma serem expressas, a epidemia de cólera que progressivamente se alastrava por Veneza também em determinado momento não pode mais ser ocultada, em uma analogia à extinção das interdições sociais que servem para limitar e formatar o viver. A cidade, desestruturada em sua ordem, aponta para a desorganização da vida quando as interdições não mais resistem e ela então se torna insubmissa a princípios como disciplina, determinação e perseverança. Neste momento, o risco que a vida corre de não mais se sustentar da forma em que era estruturada passa a ser absolutamente secundário.

“Dentro de poucas horas, o doente [com cólera] seca e sufoca do sangue resistente sobre câimbras e lamentos roucos”, explica um comerciante a Aschenbach, em uma mensagem que antevia o desfecho de sua própria jornada. E Aschenbach sonha. As imagens que ocorrem a ele são as de “... acontecimentos que rompem sua resistência...derrubando-a violentamente... deixando sua existência...a cultura de sua vida devastada, exterminada... precipitando-se homens, animais, um enxame, um bando furioso, inundando a colina de corpos, chamas, tumulto e dança vertiginosa...”. Ainda neste sonho, “grande era sua repugnância... seu medo, honesto seu desejo de salvaguardar seu eu até o fim contra o estranho, o inimigo do sereno e digno espírito....mas com eles, entre eles, estava agora o sonhador, submisso ao deus

estranho...eles eram ele mesmo, quando se atiravam aos animais dilacerando e assassinado...devorava, pedaços fumegantes...começou um ilimitado cruzamento, em sacrifício ao deus e sua alma experimentou a luxúria e a loucura da decadência”. Aschenbach acordou deste sonho “enervado, perturbado e enfraquecido, à mercê do demônio”.

Alguns dias depois, lutando contra “certas vertigens... que eram acompanhadas de um medo repentino e forte, uma sensação de irremediável inutilidade que não podia analisar se era relativa ao mundo exterior ou à sua própria existência”, Aschenbach se dirige à praia aonde encontra Tazio Aschenbach senta em uma espreguiçadeira e o observa mais uma vez. Tazio se dirige ao mar, entra na parte rasa e ali fica durante um certo período e, num certo momento, “...como uma lembrança, sob um impulso, virou o tronco, uma das mãos nos quadris, olhou sobre os ombros para a praia. O observador ali estava sentado, como em outra oportunidade estivera quando, pela primeira vez, este olhar cinza-alvorada correspondera encontrando o seu.” E, concluindo o romance, lemos que “Sua cabeça, encostada no espaldar da cadeira, seguira vagarosamente os movimentos daquele que andava lá fora; agora ergueu-se como que de encontro ao olhar e caiu sobre o peito...seu rosto apresentava a indolente, afetuosa e meditativa expressão do sono profundo. Minutos passaram até que vieram em auxílio...Levaram-no para seu quarto. E, ainda no mesmo dia, um mundo respeitosamente comovido recebeu a notícia de sua morte”.

Em *As Pulsões e Seus Destinos* (2), Freud discorre sobre a “pressão” que seria a soma da força ou a medida da exigência de um trabalho que ela representa, a “meta” que é sempre a satisfação que só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação à fonte pulsional, o “objeto” de uma pulsão junto ao qual a pulsão pode alcançar sua meta e sugere “dois grupos de pulsões primordiais: as pulsões do Eu ou de auto-preservação e as pulsões

sexuais” e que um conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu estaria na raiz das psiconeuroses. A jornada de Aschenbach ao deixar Munique em busca do “estranho” para cumprir-se a “meta” de sua pulsão acaba por leva-lo a Veneza aonde encontra Tadzio, “objeto” de uma “beleza divina” e perfeito para sua pulsão alcançar a “meta”.

Neste mesmo texto (2) Freud comenta que o “amar admite não apenas uma, mas três formas de oposição como amar-odiar, amar-ser amado e o amar e o odiar tomados em conjunto, em oposição ao estado de indiferença ou desinteresse. E que dentre estas três oposições, amar-ser amado corresponde à conversão da atividade em passividade e pode igualmente remontar a uma situação fundamental, como a pulsão do olhar. Tal situação seria amar a si mesmo, caracterizando o narcisismo. Conforme o objeto ou sujeito sejam trocados por outro, manifesta-se a aspiração da meta ativa do amar ou da meta passiva do ser amado, das quais a segunda se aproxima mais do narcisismo.” E nas notas ao texto, lemos que “as pulsões sexuais, que desde o início demandam um objeto, e as necessidades das pulsões do Eu, que jamais podem ser satisfeitas autoeroticamente, perturbam naturalmente este estado e preparam o terreno para avanços.”

Como comentei no início deste texto, neste romance vemos a trajetória de Aschenbach que em determinado momento de sua existência não consegue mais garantir o equilíbrio habitual utilizando-se do mecanismo de evitar o prazer calcado na “técnica para a condução da vida que prende a pessoa à realidade com a ênfase no trabalho” inserindo-a “de modo seguro numa porção da realidade, na comunidade humana...deslocando para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele ligados uma forte medida de componentes libidinais narcísicos, agressivos e mesmo eróticos emprestando-lhe um valor que não fica atrás de seu caráter imprescindível para a afirmação e justificação da existência na sociedade (3).” A partir deste

momento de crise pessoal, sua afirmação de existência na sociedade com a fama e o reconhecimento públicos alcançados através de seu trabalho já não atendem mais à sua alma e ele parte em busca do que lhe é “*estranho e sem relação*” com seu mundo até aquele momento. As inquietudes vividas por Aschenbach nesta trajetória revelam o transbordar de suas pulsões que necessitavam de alguma forma serem expressas e que tentam escoar pela via do “*amar e ser amado relacionada à pulsão do olhar*” na qual a situação de amar a si mesmo se desloca e o objeto do amar se materializa em Tadzio, ou seja, “*a aspiração da meta ativa do amar ou da meta passiva do ser amado, das quais a segunda se aproxima mais do narcisismo.*” O romance evolui sem que esta aspiração se concretize já que o investimento homoerótico de Aschenbach nunca é retribuído. Como referido no parágrafo anterior, nas notas ao texto acerca das pulsões, Freud comenta que “*as pulsões sexuais, que desde o início demandam um objeto, e as necessidades das pulsões do Eu, que jamais podem ser satisfeitas autoeroticamente, perturbam naturalmente este estado*”. Ao não concretizar suas pulsões, “*enervado, perturbado e enfraquecido, à mercê do demônio*”, Aschenbach realiza a profecia de seu sonho e , com “*lamentos roucos*” , se retira da vida.

Na cena final da praia, após a morte de Aschenbach, Tadzio solta as mãos dos quadris e aponta para longe, com sua mão “*flutuando para a imensidão*”. Com este gesto, ao apontar para o alto e o infinito, Tadzio anuncia que o sofrimento de Aschenbach não se limita a ele mas, sim, expande-se para a frustração de não ter sido alcançado o estado de plenitude amorosa abençoado pelos deuses como citavam os sábios gregos , confirmando que “*o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida está em desacordo com o mundo inteiro, é inexecutável e todo o arranjo do Universo o contraria pois o que chamamos de felicidade no sentido mais estrito vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas e, por*

sua natureza, é possível apenas como fenômeno episódico”. Neste romance, o desfecho é a extinção da própria vida e o esgotamento de suas possibilidades de prazer ou das tentativas de evitar o desprazer. A jornada de Aschenbach, no que tange às suas pulsões tão particulares, de certa maneira vem confirmar o destino inexorável ao qual homem universal está submetido pois, como já destacado neste texto, Freud nos alerta (2) para o fato de que *“como ela [a pulsão] não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela”*. Resta ao homem, então, sofrer e iludir-se achando ser possível buscar a inalcançável solução definitiva para seus dramas pessoais com os recursos que a vida lhe permitir desenvolver.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- (1) Morte em Veneza, Thomas Mann, Tradução de Maria Deling, Editora Abril Cultural, 1979.
- (2) As Pulsões e Seus Destinos, Sigmund Freud, Edição Bilíngue, Tradução de Pedro H Tavares 1ª edição, 1ª reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
Título Original *Triebe und Triebchicksale*
- (3) O Mal-Estar na Civilização, Sigmund Freud, Tradução de Paulo Cesar de Souza 1ª edição, São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011
Título Original *Das Unbehagen in der Kultur*